

POLÍTICA OPERÁRIA

Unificar a luta dos estudantes e trabalhadores

A UFF retoma suas atividades presenciais depois de 2 anos de paralisação por conta da pandemia. A modalidade do ensino à distância foi imposta aos estudantes e prevaleceu durante esse período de crise sanitária. Mesmo com o retorno presencial, alguns cursos e determinadas disciplinas permanecem no ensino remoto. Nesse sentido, vemos que o EAD ainda avança sobre as universidades públicas e que o projeto de sucateamento e privatização do governo e de setores empresariais da educação segue a todo vapor.

O avanço da fome e da miséria, que aumentou durante o período de crise econômica, política e sanitária, afetou fortemente os estudantes. O aumento da evasão, devido ao desemprego estarrecedor e à ausência de uma política de permanência que cubra as necessidades mais elementares dos estudantes, deixa escancarado que, no capitalismo, o estudante proletário não tem espaço na universidade pública.

O movimento estudantil, entre eles o DCE e as demais entidades, estiveram imbuídos na virtualidade. Não houve mobilização por parte das direções do movimento contra o EAD, contra a privatização, pela ampliação da permanência e nem a organização dos estudantes para o retorno. Agora, essas direções caem nos braços do eleitoralismo, enquanto diversas categorias de trabalhadores pelo país deflagram greves. É o momento de unificar as lutas.

Nós, da Corrente Proletária Estudantil, defendemos a luta universitária em conjunto com a luta das massas trabalhadoras. Entendemos que quem estuda e trabalha deve decidir sobre os rumos da universidade e que a bandeira em defesa dos empregos, salários e direitos também deve ser hasteada pela massa estudantil. A luta contra o sucateamento e privatização da universidade é parte da luta contra o estado burguês.

Retorno das aulas presenciais sob a passividade da direção do DCE

Com o retorno presencial às aulas na UFF, toda e qualquer tentativa de justificar o encastelamento da direção do movimento estudantil na virtualidade cai por terra. Há 4 meses nós, do POR, defendemos que o DCE convoque uma assembleia presencial para preparar a volta às aulas e decidir os rumos do movimento de forma coletiva. Na completa ausência de atuação da direção para articular e mobilizar o conjunto dos estudantes, vimos esforços surgirem por parte de outros grupos, como o coletivo "UFF para o Povo", que convocou diversas assembleias e aulas públicas nesse período, infelizmente esvaziadas devido a ausência do restante do movimento estudantil. Mesmo com a clara disposição dos estudantes para a luta, a chapa Todos os Cantos, atual gestora do DCE, parece até hoje continuar pouco interessada em reorganizar o movimento estudantil.

Tal imobilismo é fruto da crise de direção revolucionária, que impede a juventude oprimida de reagir aos diversos ataques que têm sofrido do capitalismo putrefato. Sem se basear em uma estratégia revolucionária, o DCE levanta a bandeira "Assistência

Estudantil é nossa luta", preconizando a assistência a essa juventude em detrimento de uma política que vise tirá-la dessa condição. E justamente por adotar o assistencialismo, nenhuma de suas ações envolve organizar as massas estudantis para formar uma relação combativa e contraditória com os interesses da classe dominante no interior da Universidade.

A burocracia repete nas instituições de ensino superior a hierarquia existente no interior do Estado burguês e é o instrumento dos governos e da classe dominante contra os interesses da maioria que estuda e trabalha. Uma mudança na relação de poder na Universidade requer a destruição do poder burocrático que a parasita, e sua substituição por um governo tripartite, constituído por estudantes, professores e funcionários, subordinados à Assembleia Geral Universitária. Por isso, nossa bandeira é a autonomia universitária. Somente a luta pelo controle da universidade por quem estuda e trabalha é capaz de romper a camisa de força imposta à educação. E é urgente que o DCE comece a cumprir seu papel nessa luta.

Contra a guerra na Ucrânia

Em resposta ao avanço do cerco militar da OTAN/Estados Unidos, a Rússia invadiu a Ucrânia em 20 de fevereiro, após diversas tentativas de resolver o impasse de forma diplomática. A conflagração bélica está sendo noticiada diariamente pela imprensa burguesa, que faz uma campanha favorável ao imperialismo estadunidense por meio de imagens trágicas que ao mesmo tempo que apontam um caráter brutal do governo russo, oculta o caráter carniceiro dos Estados Unidos, que utiliza a Ucrânia de bucha de canhão e historicamente promove massacres em nome da paz e da democracia.

É preciso ter claro que a guerra é um sintoma da decomposição do modo de produção capitalista, baseado na anarquia da produção. Trata-se de uma forma rápida e violenta de destruição de forças produtivas e vidas humanas. Há que se considerar, no entanto, que existem guerras de dominação, que são regressivas, como a que se passa na Ucrânia, e guerras de libertação, que são progressivas, como as guerras contra o domínio colonial e pela independência nacional nos continentes americano e africano. Não se pode rechaçar as guerras em geral, como faz o pacifismo burguês e pequeno-burguês.

A luta pela alimentação na UERJ

Na UERJ, a imposição do ensino híbrido nesse retorno às atividades, fez com que houvesse um conflito em relação ao acesso dos estudantes cotistas ao bandeirão, pois agora precisam escolher entre pagar o valor integral (14 reais) e garantir o auxílio alimentação conquistado em meio a pandemia ou pagar o valor normal para cotistas (2 reais) e perder o auxílio. Por se tratar do ensino híbrido, em que a maioria dos estudantes estão com aulas remotas e presenciais, a escolha por qualquer uma dessas opções não é viável.

Soma-se a isso o fato de que o Bandeirão ainda não se encontra em pleno funcionamento, visto que no horário do jantar ele fica fechado, impossibilitando o acesso a alimentação para os estudantes e funcionários do período noturno. O acesso também é prejudicado pela paralisação da emissão de cartões do bandeirão para os novos estudantes, obrigando muitas vezes os discentes a recorrerem a métodos alternativos para terem acesso a alimentação.

Nós, do POR, desde o final do ano passado estamos colocando a necessidade de preparar o retorno às atividades por meio da convocação de assembleias presenciais. O que ocorre hoje na UERJ é reflexo do imobilismo das direções estudantis que estão apartadas das necessidades imediatas da maioria dos estudantes e se encontram a reboque do eleitoralismo. Porém, no último mês de março se viu uma mobilização por parte de estudantes combativos dos cursos de História e Geografia reivindicando a defesa do valor normal do bandeirão, bem como a normalização do seu funcionamento e a volta das emissões de cartões que garantam seu acesso. É preciso que a luta em defesa do bandeirão se some a outras necessidades imediatas que garantam o pleno retorno às atividades presenciais.

Para não ficar à mercê da campanha ideológica da burguesia, é preciso assumir a política internacionalista do proletariado. A Corrente Proletária Estudantil tem impulsionado a campanha do CERQUI, com as seguintes bandeiras: abaixo as medidas econômico-financeiras de Biden contra a Rússia e a economia mundial; unidade mundial da classe operária contra a militarização imperialista; desmantelamento da OTAN e fim das bases militares dos Estados Unidos na Europa e no mundo; retirada imediata das tropas russas do território ucraniano; pela autodeterminação e unidade territorial da Ucrânia.

O desafio está em colocar as massas trabalhadoras em movimento para que se construa como uma força social capaz de responder os acontecimentos. Por isso defendemos que as entidades estudantis e sindicais convoquem as assembleias para se posicionar diante da luta de classes mundial, e que se somem à campanha pela convocação de um Dia Nacional de Luta, com paralisações e bloqueios, contra a miséria e a guerra e em defesa dos empregos, salários e direitos.

Lições da greve dos Garis

Os garis do Rio fizeram uma greve na semana passada. As negociações com a Comlurb não deram em nada. A principal reivindicação dos trabalhadores é o reajuste de 25% nos salários e no vale alimentação, fruto de 3 anos sem aumento. A empresa ofereceu 4% e depois subiu para 5%. Um escárnio!

Os rodoviários do BRT que paralisaram. O clima na cidade ficou tenso já que duas categorias tão importantes estavam de braços cruzados. Infelizmente as duas lutas não se unificaram, mas a justiça burguesa se movimentou bem rápido para declarar ambas as greves ilegais. O ataque ao direito de greve é flagrante. Em ambos os casos a multa decretada pela justiça foi de 200 mil reais por dia.

Os estudantes devem assimilar as lições das lutas dos trabalhadores. Por um lado, se confirma a necessidade de uma campanha em defesa dos empregos, salários e direitos, que o POR vem defendendo com todas as suas forças nas universidades, movimentos e sindicatos em que atua. A esse problema respondemos com o chamado às centrais sindicais e movimentos populares pela convocação imediata de um Dia Nacional de Luta, com greves, paralisações e bloqueios, que se coloque pela defesa dos empregos, salários, direitos, contra a carestia de vida que tem massacrado o trabalhador. O segundo problema é a necessidade de lutar pelo direito irrestrito de greve. A justiça é burguesa e sempre vai combater esse direito conquistado. É urgente colocar em marcha um movimento poderoso de trabalhadores e estudantes que lute por suas necessidades mais elementares e defenda o direito de organização e luta dos explorados.